

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO

Os Territórios
Quilombolas e os
conflitos com as
Unidades de
Conservação

5



boletim
informativo



CARTOGRAFIA DA
CARTOGRAFIA SOCIAL



boletim informativo

Dezembro 2016 • Número 5

CARTOGRAFIA DA CARTOGRAFIA SOCIAL: uma síntese das experiências

Coordenação Geral

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Cynthia de Carvalho Martins
Rosa Acevedo Marin

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida
Rosa Elizabeth Acevedo Marin

Equipe de Pesquisa

Paulo Rogério Gonçalves (APA-TO)
Rejane Cleide Medeiros de Almeida (UFT)
Ana Claudia Matos da Silva (COEQTO)
Maria Aparecida Ribeiro de Sousa (COEQTO)

Edição

Paulo Rogério Gonçalves
Rejane Cleide Medeiros de Almeida
Ana Claudia Matos da Silva
Maria Aparecida Ribeiro de Sousa

Transcrição de áudio

Ana Claudia Matos da Silva

Cartografia e mapas

Paulo Rogerio Gonçalves
Pedro Igor Galvão Gomes

Fotos

Yasmine Nery Gonçalves
Ruan Nery Gonçalves

Projeto Gráfico

Philipe Teixeira

Participantes das oficinas e reuniões membros das associações:

Associação Comunitária dos Extrativistas Artesãos e Pequenos Produtores do Povoado Prata (AAPP);

A Associação Jalapoeira das Comunidades Quilombolas do Território de Boa Esperança - AJAQUITEBE;

Associação das Comunidades Quilombolas das Margens do Rio Novo, Rio Preto e Riachão-Ascolombolas Rios

Associação das Comunidades Quilombolas de Carrapato, Formiga, Mata e Ambrósio

Associação dos Artesãos Extrativistas do Povoado de Mumbuca

Ficha Catalográfica

B688

Boletim Cartografia da Cartografia Social: uma síntese das experiências / Comunidades Quilombolas do Jalapão: os territórios Quilombolas e os conflitos com as unidades de conservação. – N. 5 (Dez. 2016) –. – Manaus: UEA Edições, 2016.

Irregular.

Coordenação do PNCSA: Alfredo Wagner Berno de Almeida (NCSA/CESTU/UEA, CNPq) e Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UFPA-NAEA/PNCSA)

ISSN:

1. Cartografia. 2. Comunidades tradicionais. 3. Quilombolas – Jalapão/TO.
I. Título.

CDU: 528.9.912

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO

Os Territórios Quilombolas e os conflitos com as Unidades de Conservação

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO

Os Territórios Quilombolas e os conflitos com as Unidades de Conservação

O Jalapão é uma região do Estado do Tocantins que faz limite com os Estados do Maranhão, Piauí e Bahia. A região possui um ecossistema muito particular e ficou guardada por muito tempo pelas comunidades quilombolas locais, vivendo a partir de seus costumes e tradições. Foram criadas diversas unidades de conservação na região, provocando um intenso conflito com comunidades quilombolas. No ano de 2016 foram realizadas diversas oficinas de mapas e muitas reuniões com as comunidades quilombolas do Jalapão. Este processo acarretou a elaboração do presente Boletim.



Territórios Quilombolas do Jalapão

|| Todo esse povo são descendentes de Piauiense e Baiano, toda procedência de todo Jalapão aqui veio daí.”

Adão Ribeiro Cunha.

|| Casou se com João Ribeiro que veio do Estado do Maranhão.

Lení

|| Jalapão em si, tem uma faixa de 220 anos, quando vieram as primeiras pessoas para aqui, era o que meu pai dizia.”

Adão Ribeiro Cunha

|| Então, essas histórias daqui, dizem que tem duzentos anos essas comunidades”.

Teomenilton Almeida dos Santos, “Toxa”.

|| Nós somos a geração desse povo que veio desse lugar (...) nessa época, o documento deles era a palavra, não usava papel».

Noeme Ribeiro da Silva, Dotora.



Mãe Tico, parteira, “pegou” 202 crianças na região, comunidade Povoado do Prata

COMUNIDADES RIACHÃO, MATA VERDE, RIO NOVO E RIO PRETO - ASCOLOMBOLAS RIOS

História da Comunidade

Meu pai chegou aqui em 1925 com a minha avó, meu pai é de 1920 e ele chegou com idade de 5 anos. Só que quando a minha avó, que é a mãe do meu pai, chegou aqui, já tinha outros parentes deles já morando aqui, agora não sei quanto tempo, mas, já existia as pessoas, certamente vindo da Bahia, é por que meu pai é da Bahia(...) os relatos que nós temos aqui, alguma coisa de cemitério, que tem aqui, de parentes das famílias, por exemplo a da família do seu Silvino, que é o pai da dona Josefa, essa família chegou primeiro que a família do meu pai aqui no Jalapão. São uma das famílias veteranas, aí o velho Silvino morreu com oitenta e poucos anos e a filha dele tem oitenta e um e já nasceu aqui. Os avós e bisavós delas todos foram sepultados aqui na beira do rio novo”.

Teomenilton Almeida dos Santos, “Toxa”.



Fruto do Buriti

Essas comunidades aqui, o pessoal de Dona Maria Angélica, por exemplo, o bisavô foi sepultado aqui, então essas histórias aqui dizem que tem duzentos anos essas comunidades. Então assim, a questão da migração dessas pessoas que tem aqui no Jalapão, se nós for fazer um levantamento da origem das pessoas do Jalapão, todas as pessoas são quilombolas. Inclusive você pode ver os sobrenomes quase todos têm Ribeiro da Silva. É uma família que veio de lá, dos escravizados, dos senhores seus lá e foram povoando aqui, então assim, muita gente desses escravos chegaram aqui existiam bastante índio(...) segundo a história também colocaram

cavalo em cima de índio aí pegaram casaram, produziram filhos. Então assim a história desse povo é antiga. Agora essa geração nova casaram com os filhos dos quilombolas. Na verdade, essas famílias são famílias que tem duzentos anos, cento e cinquenta anos de existência já no Jalapão”.

Teomenilton Almeida dos Santos, “Toxa”.



Oficina para elaboração de mapas na associação Ascolombolas Rios

Vida no território

A sobrevivência aqui ela era adquirida através da mão de obra, e também através do que a natureza oferecia. Porque quando eles vieram de lá para cá, eles não trouxeram nada, por que eles não tinham como trazer, então o que eles faziam aqui para sobreviver, derrubava a roça, plantava o feijão, o arroz, a mandioca, a fava, quebrava o coco para tirar a gordura e a macaúba, tirava o leite da buritirana, para sobreviver comendo os frutos dos cerrados, o buriti, pequi, pescando, caçando. E também assim, fazendo tudo que a natureza oferecia a gente usava para sobreviver. Já para vestir a minha mãe

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO

Os Territórios Quilombolas e os conflitos com as Unidades de Conservação

fazia, o meu pai plantava algodão. Inclusive eu «molecotinho», minha mãe ensinou eu fiar com fuso para tecer, fiava na roda e fazia roupa, fiava no fuso, fazia rede, fazia «colchinel» para o meu pai viajar de animal, então, havia aqui os utensílios que a gente precisava, era nós mesmo que produzia, por exemplo, meu pai derrubava roça de arroz, nós ia pilar o arroz para limpar e meu pai levava para a cidade, para vender e comprar o sal, comprar o querosene, comprar os vestidos para as meninas».

Teomenilton Almeida dos Santos, “Toxa”



Paiol de guardar milho

Na verdade, quando eu fui vestir uma calça eu tinha quatorze anos de idade. Eu vestia era, “chitongo”, a gente era oito meninos para um pedacinho de pano, pegava só o necessário para tampar as coisas e para cobrir do frio, por que fazia muito frio. Na verdade, era essa a vida aqui, até para estudar, a gente conseguiu estudar já depois de grande, alguns depois de casado, pois naquela época, os filhos tinha que trabalhar na roça e ajudar os pais e era muito difícil o pai tirar o filho e levar para a cidade para estudar, porque não tinha onde ficava. Então assim era a nossa vida aqui, ela foi muito difícil, nós pegava, por exemplo, fazia farinha, ai a gente fazia dez, vinte, até trinta quarta de farinha, o meu pai foi trabalhando e comprando o jumento, aí começou fazer uma tropa, ai a gente levava de trinta quarta de farinha para Formosa, para ir e voltar, era quinze dias que a gente gastava. A gente levava essa farinha e vendia lá e comprava o café, comprava a soda, o sal, comprava o querosene, algumas coisas que não produzia aqui. Então era dessa forma, as vezes meu pai comprava e chegava e dava um pouquinho para os vizinhos que não tinha, o sal, o querosene para «lumiar», por que não tinham. E aqueles que não tinha condição de comprar querosene ia para o Cerrado tirava a abelha, uma abelha chamada arapuá, para tirar a cera, aí pegava um algodão fazia uma «tirada», derretia a cera na panela, aí metia a «tirada», fazia a candeia para «lumiar», era dessa forma a nossa situação. Então assim, a nossa realidade aqui foi essa sabe, para fazer o café tinha que bater a cana, fazer o café, o mingau do menino com a tapioca, com a puba era desse jeito”.

Teomenilton Almeida dos Santos, “Toxa”



Plantio de banana em buritizal

Eu para ganhar os meus filhos ia para Rio da Conceição(...) quando o açúcar acabava meu esposo aqui, pegava o machado e ia pro brejo derrubar pé de buriti para tirar o vinho, para mim fazer aquela garapa para mim fazer o “mingauzim” da “puba” da tapioca, para dar para os meus filhos, a irmã Cota, a irmã de Gilvan mandava “feixo” de cana para mim. Quando eu não tinha lá em casa cana suficiente para tirar a garapa ela mandava, aí a gente tirava aquela garapa para a gente cozinhar bem cozida para não dar dor de barriga nas crianças, para mim criar os meus filhos. Assim que eu criei meus filhos... por que meu pai, minha mãe, meu avô, minha bisavó que chamava “Duarda”, que era a avó da minha mãe, ela quando mudou da Bahia para aqui. Quando ela chegou ela “rançava” aquela mandioca “braba” que tem no mato, ela tem uma batata, ela “rançava”, ralava e lavava em várias águas, ficava só aquela “paia” mesmo, ela fazia para comer mesmo, para não morrer de fome. O Jatobá, cada pé de jatobá ela sai catando jatobá, ela pisava e tirava o caroço para tirar aquela massa para comer, nossa vida aqui foi muito sofrida. Hoje eu criei meus filhos, vieram para a cidade, mais eu tenho lá meu lugarzinho, nunca sai de lá, as vezes nós passa quinze dias aqui e vinte dias lá, nós temos a nossa roça. Meu pai, minha mãe, são filhos do lugar, nós todos somos filhos do lugar aqui. Minha bisavó, meu bisavô que ele chamava Antonio Fogo, ele é enterrado aí, tem mais de cento e tantos anos, a minha bisavó, a mãe do meu pai que é a minha avó, tudo enterrada aqui. Foi muito sofrido quando eles chegaram corrido da fome e de outras coisas da Bahia”.

Josefa Chaves.



Dona Hilda, na sua horta

Corrido da escravidão, fugiram dos senhores que saia matando as pessoas. Eles para não matar as pessoas, os outros na marra, veio embora, escondia no “bebedouro”, fugindo de ser escravizado na Bahia.

Gilvan Chaves.

Então a questão da roça, existe a “roça de toco”, “roça de capão” que a gente broca de foice ou de facão...aí faz a derribada no mês de setembro, outubro, no início das chuvas a gente faz isso para plantar, e aí nós trabalhamos na «roça de esgoto» que é uma área encharcada, a gente chama de «pantâme» é o linguajar nosso aqui. Então, assim é uma área encharcada e você faz os drenos ali para vazarem a água, quando a água baixa, a gente faz a queima, aí depois a gente planta os cereais, mandioca, feijão, batata, arroz, abóbora, melancia, maxixe, tudo que a gente come se planta nessa roça. Aí nós temos também a «roça de vazante»(...) essa área de vazante são área entre o «capão» e uma área de mato não tão grande, e a gente faz no mês de junho e julho, e é uma área que não precisa drenar. Daí você planta mandioca e ela consegue produzir por que tem uma coisa assim: a mandioca do capão, ela não aguenta muito tempo, você tem que colher ela, já no esgoto e na vazante elas duram muito tempo e também elas não ficam «suada», então assim, ela vira uma mandioca que não serve para fazer farinha e a mandioca do «esgoto» ela quase não fica «suada», todo tempo ela é boa para fazer farinha”.

Gilvan Chaves.



Seu Diocleci e roça de mandioca



Seu Diocleci e equipamentos de trabalho



Seu Diocleci e curral para gado

Conflitos com unidade de Conservação

|| A questão do conflito com a Estação, ela começou em dois mil e um, foi muito difícil, foi criado através de um decreto, um ato presidencial lá e não houve nenhuma consulta prévia com a comunidade. Então assim, nós fomos pegos de surpresa e isso para nós foi muito ruim, por que a gente tem a nossa forma de vida, de viver, de forma livre sabe. A forma que nós vivemos lá. E o grande negócio de nós hoje é poder viver. Então assim, quando a gente passou a vivência nessa burocracia, com esse departamento jurídico e público, isso ficou muito ruim para nós, na verdade quando foi criado a estação com objetivo de preservação, dizendo que as pessoas tinha que sair por que era unidade de conservação e não podia ter presença humana lá, a não ser os pesquisadores e fiscais do órgão. Então assim, aquilo ali foi muito ruim para nós e muita gente. Porque as pessoas que criavam gado não podiam mais criar. Nós que estamos lá dentro que convivemos com a natureza, sabemos que como nós, por exemplo, sabemos quando que uma árvore ela é prejudicada, nós sabemos que existe plantações lá dentro que só produz se tiver fogo, tem caça que depende do fogo, a roça para você derrubar e plantar depende do fogo. Então assim, nós que conservamos tudo isso aí, por isso que quando eles chegaram acharam, por que nós fazemos parte dessa natureza, então a gente, então assim, depois que a unidade de conservação chegou a gente teve muito transtorno, tanto para a comunidade quanto para a natureza, por que ficou cinco a seis anos sem queimar, quatro anos, aí quando o fogo vem acaba com tudo, acaba com as caças, os animais, pássaros, porque eles não consegue escapar e não consegue reproduzir e fica muito grande a «quantidade de combustível» e o fogo vem e acaba com tudo».

Teomenilton Almeida Dos Santos, "Toxa".



Catitu para ralar mandioca

Então assim eu vou falar, a questão da produtividade, quer dizer depois da estação muitas pessoas deixou de produzir, diminuir a escala por que na verdade, primeiro houve a proibição por que a gente trabalha a roça de esgoto e é na mata ciliar. Então não foi permitido, depois que a gente criou o “termo de compromisso”. Por que no início a gente ficou sem querer dizer as formas como a gente trabalhava, como “vazante”, “esgoto”, por que não era permitido esse tipo de atividade pela legislação ambiental, depois com o passar do tempo a gente foi discutindo, falando inclusive quem botou essa questão de “esgoto” de “vazante” para eles foi minha esposa, pois muitas pessoas não tinha coragem de falar, a forma como nós trabalhava aqui, por que são feito em brejo, em matas e as pessoas ficavam com medo de dizer por causa do pessoal do ICMBIO e ser multado, mas aí minha esposa nesse debate, nesses fórum, que inclusive vocês, o pessoal do Ministério Público em Palmas participam. Então minha esposa foi colocando isso e hoje melhorou, por que aí já estão permitindo que a gente faça as «roças de esgoto», as «roças de vazante» e a «roça de toco» também está sendo permitida. Diante de que está sendo feito a montagem do «termo de compromisso». Então assim, está sobre o certo controle, na verdade a gente não se sente à vontade para trabalhar, principalmente essa questão da construção de casas de famílias, a gente ainda estamos tendo várias dificuldades, dos filhos e as pessoas que estão lá morando há cento e cinquenta anos, duzentos anos continuassem a fazer novas construções aqui. Igual eu falei assim a questão de muita gente está aqui hoje. Exatamente por acharem que essas pessoas que estão em Mateiros não são de lá. Elas estão aqui por justa causa, elas estão na cidade primeiro pelo fato de não terem assistência e políticas públicas, escola, saúde, e outras políticas, e também quando se instalou a Estação Ecológica, fizeram proibição e as pessoas ficaram com medo de derrubar roça e fazer casa”.

Teomenilton Almeida dos Santos, “Toxa”.

E também eu não concordo com as formas do ICMBIO, eles chegaram assim querendo expulsar a gente que já era do local, por causa desse parque e é injusto a forma que ele faz com as comunidades. Igual assim, não podia desmatar nada e aí vem o projeto como esse da Katia Abreu, a gente fica contrariado, dá vontade de

falar coisa com o ICMBIO mais não resolve, tem que ser no acordo. Eu acredito que as novas propostas que foram colocadas no termo de compromisso vão acontecer e vão darem tudo certo».

Ana Lucia Castro.



Cocho para sal

COMUNIDADE BOA ESPERANÇA

História da Comunidade

Dos meus avós, primeiro veio o meu avô, foi o por parte de mãe, veio ele mais três irmãos, uma irmã e dois irmãos”.

Zeferino.

Meu pai, meu pai que era Agenor Vieira ele era de Barreirinha do Piauí, a minha mãe que é Leonilde é descendente de Barreirinha Bahia”.

Agenor Vieira.

É a mesma coisa, nossa é tudo é uma só, toda vinda desse povo, vindo da Bahia e Piauí. Todo esse povo é descendente de Piauiense e Baiano, toda procedência de todo Jalapão aqui veio daí, entendeu”.

Adão Ribeiro Cunha.

Os Mudestos foi o último que subiram para cá, já tinha gente aqui e aí foi trazendo os parentes para cá. Ele era garimpeiro, trabalhava no garimpo, explorava garimpo e morava lá no São Felix. Eles moravam lá, aí depois eles mudaram pra cá, aí subiram aqui para esses rumos de brejo da lagoa. Brejo da Lagoa e piaçava, em piaçava ele casou e comprou uma terra do senhor de Lino que morava nas pedras, aí foi alicerçou lá, eu não nasci lá não, eu nasci na baixa do Sumidor, lá que eu nasci”.

Agenor Vieira.



Banca de pote, pote e copos

|| Pelo que meu pai me falava, ele foi o homem que morreu faltando seis dias para oitenta e quatro anos. Ele dizia assim, que aqui o Jalapão foi levantado tava em torno de 220 anos, por ai assim, agora a comunidade de Boa Esperança tem praticamente 180 anos e os nossos que veio lá do Corrente Bahia foi o Zé Valero e o João Valero que foram os dois irmãos que chegaram aqui, que foi a descendência dos nossos Ribeiro. Eles chegaram desbravando, né “Paizim”, lá o Espírito Santo, foi o primeiro lugar que ele desbravou, foi lá no espírito Santo, aí foi entrando para cá, aí chegou ao ponto de ficar da Boa Esperança daqui para Boa Nova, aí onde tem a Aninha que é uma pessoa neta de descendente da África, sabe a tal de Aninha que é bisavô desse povo ai da Boa Nova. Bisavô do meu pai, desse povo todo entendeu? É a senhora de Aninha. Ai então foi uma pessoa que ficou bisneta de pessoas que veio exportada e tal e o pai dela chamava senhor «Donatin», olha a cidade da parte do Piauí foi do Corrente no Piauí e os outros dos antepassados que veio assim um grupo, um do lado outro do outro era de Formosa da Bahia era nem Formosa era Santa Rita da Bahia”.

Adão Ribeiro Cunha.

Vida no Território

|| Eu quero dizer entre todas as comunidades, todas as comunidades trabalham com roça, tanto que nós somos cinco comunidades, em uma só associação, Comunidade Boa Esperança, Comunidade Mumbuquinha, Comunidade Borá, Comunidade Rapadura e Capão dos Mudesto, então essas comunidades todo tempo trabalha com roça, dentro desse território aqui, alguns que não tiver roça mais tem o lugar do manejo do gado e o capim dourado, a mesma queimada que a gente faz do manejo do gado serve para coleta do capim dourado”.

Adão Ribeiro Cunha.



Buriti de molho para ser rapado

|| Aqui é pouca (gado) é muito salteado, pois vamos dizer aqui, só se for aqui, que nós, cada um de nós, cada curral aqui, por exemplo, tem uma roça bem aqui no manejo, é uma roça do piquete para o animal, nós temos roça bem aqui, «Pixute» tem a rocinha dele lá na lagoa, a rocinha para botar gado. «Manel» lá no «refrigério» dele, do boi, você tem uma rocinha pequena para você colocar seu animal. Pois é, então quase todo lugar tem uma roça, seu «Ceir» tem uma rocinha pequena de botar o animal de duas a três tarefa tá lá, uma roça com capim para você manter o animal preso. Entendeu então, a história é essa. Dico bem aqui na Água de Regra, tem roça e tem o «refrigério» do gado. Aqui o Sambaiba tá aqui com roça, esse lado aqui tá toda gramadinha de pasto, entendeu aqui o que é de comunidade todo mundo tem sua roça de mandioca, todo mundo tem sua roça de pasto, dentro das comunidades aqui cada quem tem sua roça de pasto, roça de mandioca é tudo para manutenção das comunidades”.

Adão Ribeiro Cunha.

|| Aqui nas comunidades quilombolas todo mundo tem o mesmo uso, não tem ninguém que vem dizer que não usa o território”.

Laurina Carvalho, “Lora”.

|| Aqui por exemplo, nós maneja, o povo dos Vieira que é das Rapaduras do Capão dos Mudestos, todos manejam aqui nessa beira de rio novo”.

Adão Ribeiro Cunha.

Conflitos com unidade de conservação

|| Alias eu quero até dizer que segundo tá no nosso histórico, da nossa associação da Boa Esperança, nós começou lá da Mumbuca, que todo mundo levantando a bandeira de maneira segura até para nós defender do parque, essa briga em 2001, aí é que ia pessoas de pé, ia pessoas montado a cavalo, ia pessoas de todo jeito. Então para nós fortalecer, que nós criamos a nossa associação da Boa Esperança para ajudar a fortalecer a da Mumbuca contra o parque. Por que o parque chegou traumatizando todo mundo aqui, foi momento de pânico na época com essa história desse parque aqui, todo mundo ficou de perder a cabeça. Aí, na nossa Associação, para nós criar, nós colocamos as comunidades Quilombolas Boa Esperança, Mumbuquinha, Borá, Rapadura e Capão dos Mudesto. E toda vida nós trabalha em conjunto. Por que os nossos antepassados são tudo de uma família só, pode ver que a família da Mumbuca, só fez uma mudança, nós somos Ribeiro Cunha e Eles São Ribeiro Matos. Então somos de uma só”.

Adão Ribeiro Cunha.

COMUNIDADE MUMBUCA

História da comunidade

|| Meu pai nasceu aqui, minha mãe nasceu aqui, meus avós nasceram aqui, os pais do meu avô e avó, meus bisavôs que vieram da Bahia de um lugar chamado Santa Rita de Cássia. Aí nós somos a geração desse povo que veio desse lugar. Olha aqui eu não lembro não, nessa época, o documento deles era a palavra, não usava papel. O documento era a palavra, o que falava tava dito e acontecia. Meu Bisavô Pedro Ribeiro esse Pedro e a Maria Inácia esposa de Pedro Ribeiro, e mais um casal, Guardina e Rufino, esses povos foi quem gerou a comunidade. A Jacinta morava aqui, jacinta era minha bisavó e a Laurina que é a mãe da minha mãe, a jacinta era a mãe da minha avó, já morava aqui. Ela fiava algodão, tecia, ela fazia roça, não tinha sal, para ter sal precisava do Jumentinho e levava para Formosa. Levava farinha, rapadura, tapioca. Era o jeito de ganhar as coisas, era das coisas da roça, levava para lá, vendia e trazia as coisas que não tinha aqui de lá, trazia o sal de pedra, café de caroço, querosene para alumiar.

Noeme Ribeiro da Silva, Ditora.

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO

Os Territórios Quilombolas e os conflitos com as Unidades de Conservação



Doutora, comunidade Mumbuca

|| Nós também viemos de Santa Rita de Cássia, Mumbuca veio de Santa Rita de Cássia. Antônio Lamberto o nosso bisavô, é um negrão mesmo apurado. Nós viemos de Santa Rita de Cássia».

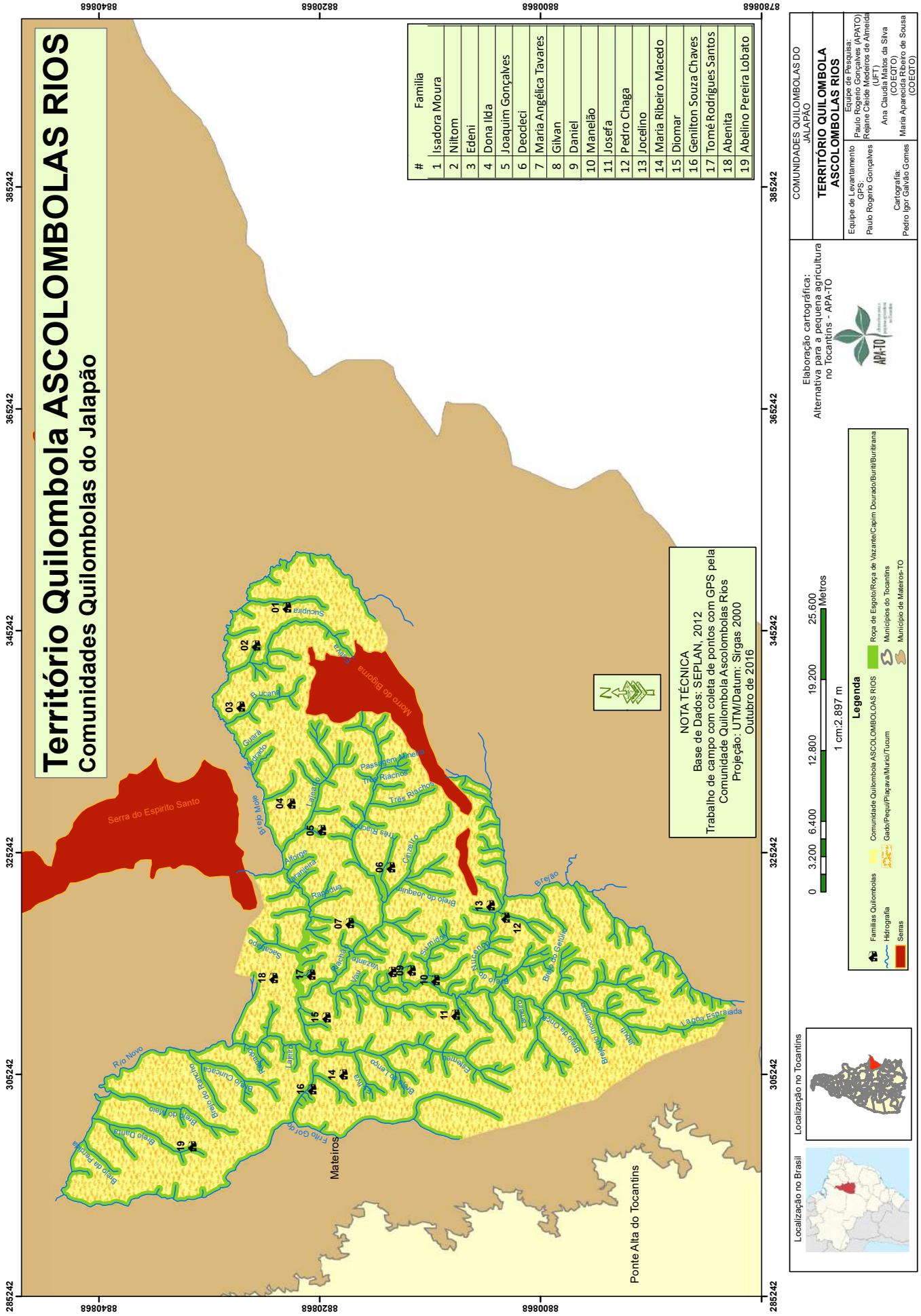
José Ribeiro Da Silva, "Paizinho".

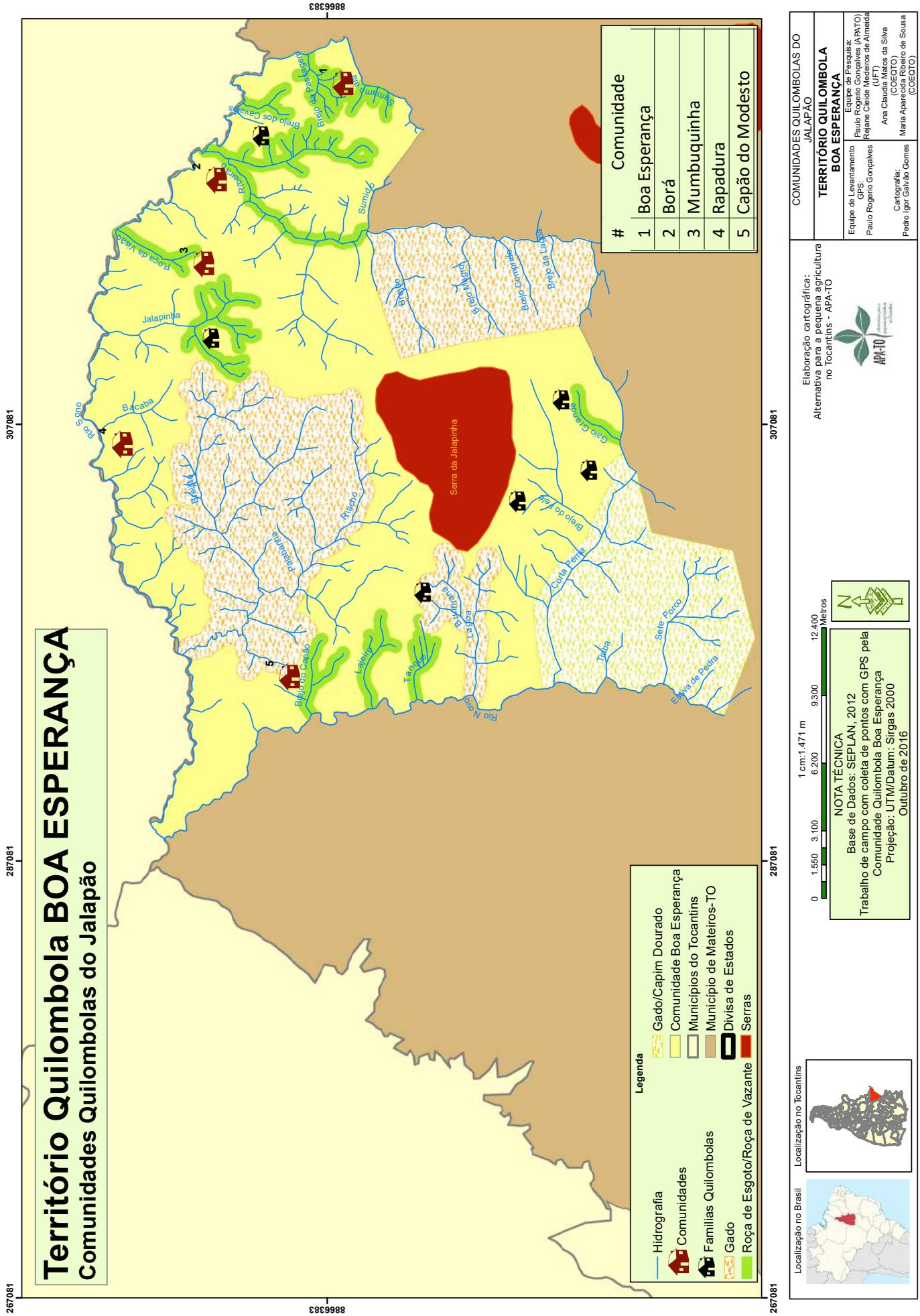


Dona Merinda, comunidade Mumbuca



Quintais florestais da Comunidade Mumbuca





Território Quilombola BOA ESPERANÇA
Comunidades Quilombolas do Jalapão

Legenda

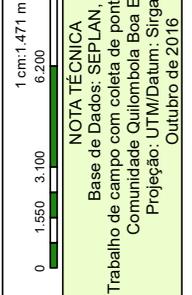
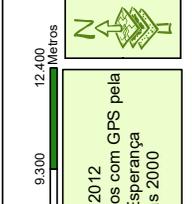
- Hidrografia
- Comunidades
- Famílias Quilombolas
- Gado
- Roça de Esgoto/Roça de Vazante
- Gado/Capim Dourado
- Comunidade Boa Esperança
- Municípios do Tocantins
- Município de Mateiros-TO
- Divisa de Estados
- Serras

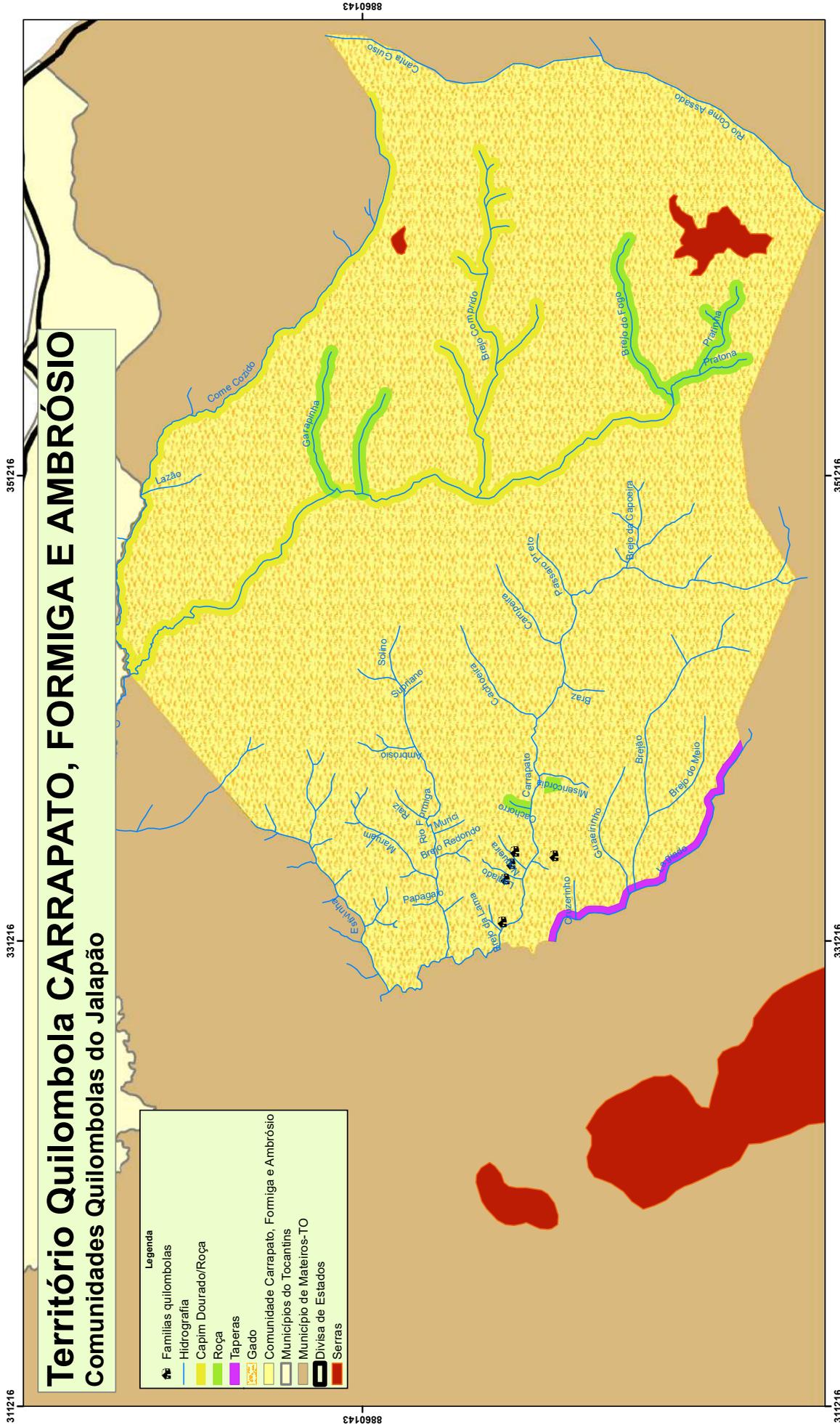
#	Comunidade
1	Boa Esperança
2	Borá
3	Mumbuquinha
4	Rapadura
5	Capão do Modesto

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO	
TERRITÓRIO QUILOMBOLA BOA ESPERANÇA	
Equipe de Levantamento GPS:	Equipe de Pesquisas: Paulo Roberto de Almeida (APA-TO) Rejane Cléia Medeiros da Almeida (UFT) Ana Cláudia Matos da Silva (COEQUITO) Maria Aparecida Ribeiro de Sousa (COEQUITO)
Equipe de Cartografia:	Paulo Rogério Gonçalves
Cartografias:	Pedro Igor Galvão Gomes

Elaboração cartográfica:
Alternativa para a pequena agricultura no Tocantins - APA-TO

NOTA TÉCNICA
Base de Dados: SEPLAN, 2012
Trabalho de campo com coleta de pontos com GPS pela Comunidade Quilombola Boa Esperança
Projeção: UTM/Datum: Sirgas 2000
Outubro de 2016





Território Quilombola CARRAPATO, FORMIGA E AMBRÓSIO

Comunidades Quilombolas do Jalapão

- Legenda**
- Famílias quilombolas
 - Hidrografia
 - Capim Dourado/Roça
 - Roça
 - Taperas
 - Gado
 - Comunidade Carrapato, Formiga e Ambrósio
 - Municípios do Tocantins
 - Município de Mateiros-TO
 - Divisa de Estados
 - Serras

Localização no Brasil

Localização no Tocantins

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO

TERRITÓRIO QUILOMBOLA CARRAPATO, FORMIGA E AMBRÓSIO

Equipe de Levantamento e GPS: Paulo Rogério Gonçalves (APATO), Regiane Cleide Medeiros de Almeida (UFV)

Equipe de Pesquisas: Ana Claudia Mattos da Silva (UFV), Maria Aparecida Ribeiro de Sousa (COEQUITO)

Cartografia: Pedro Igor Galvão Gomes

Elaboração cartográfica: Alternativa para a pequena agricultura no Tocantins - APA-TO

NOTA TÉCNICA

Base de Dados: SEPLAN, 2012

Trabalho de campo com coleta de pontos com GPS pela Comunidade Quilombola Carrapato, Formiga e Ambrósio

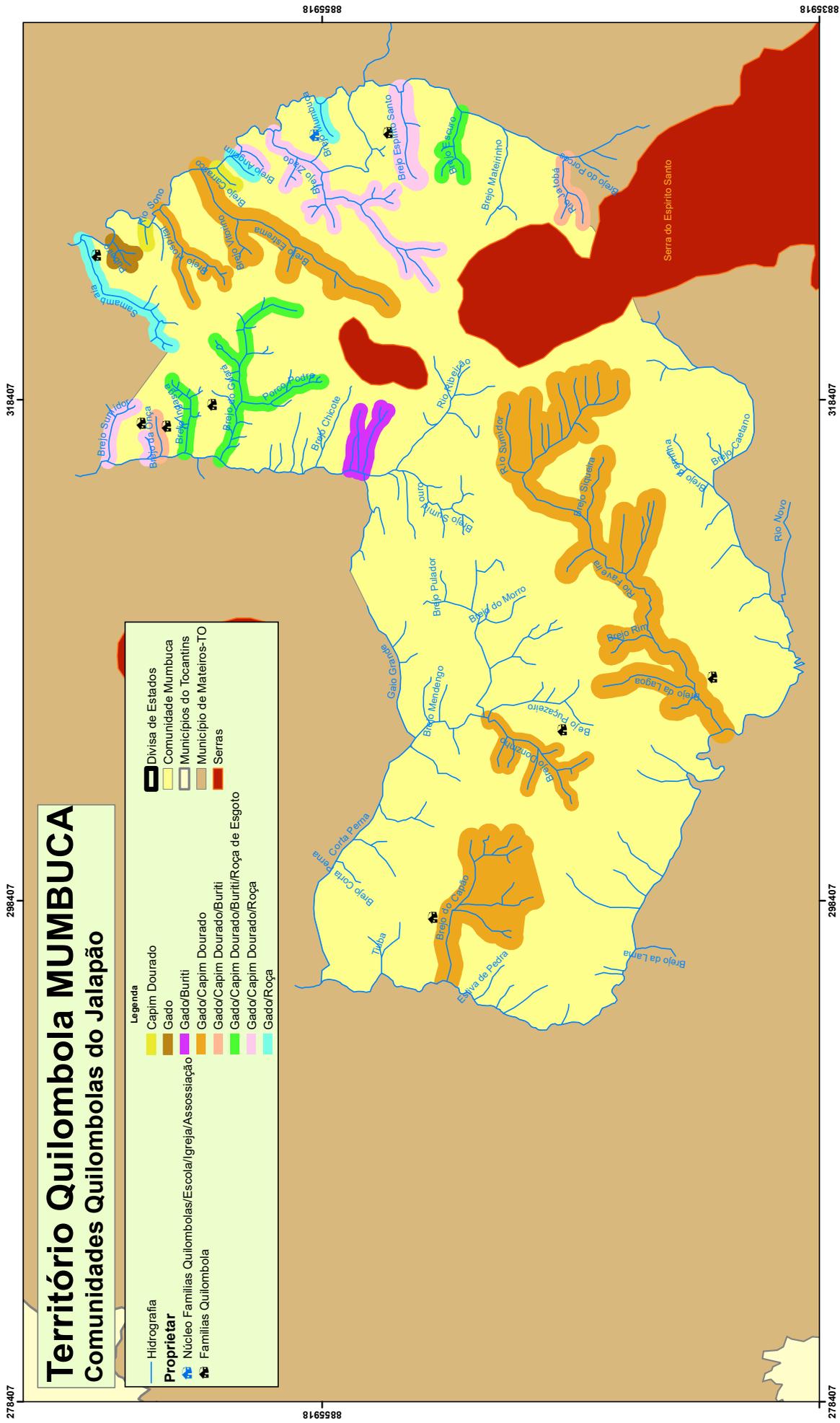
Projeção: UTM/Datum: Sirgas 2000

Outubro de 2016

13.600 Metros

0 1.700 3.400 6.800 10.200 13.600

1 cm: 1.497 m



Território Quilombola MUMBUCA

Comunidades Quilombolas do Jalapão

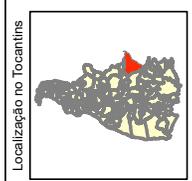
- Legenda**
- Capim Dourado
 - Gado
 - Gado/Buriti
 - Gado/Capim Dourado
 - Gado/Capim Dourado/Buriti
 - Gado/Capim Dourado/Roça de Esgoto
 - Gado/Capim Dourado/Roça
- Proprietar**
- Núcleo Famílias Quilombolas/Escola/Igreja/Associação
 - Famílias Quilombola
- Hidrografia**
- Divisa de Estados
 - Comunidade Mumbuca
 - Municípios do Tocantins
 - Município de Mateiros-TO
 - Serras

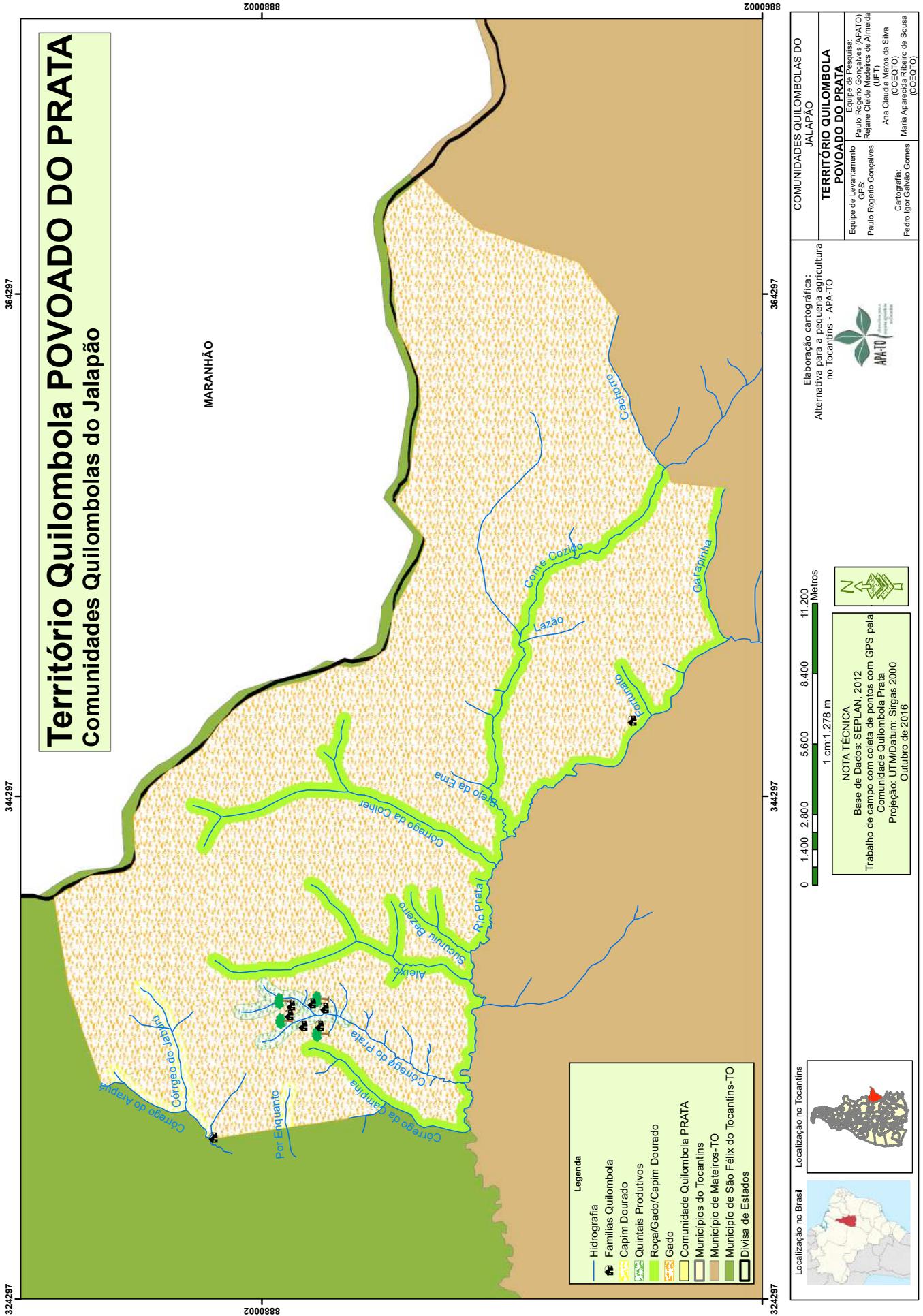
COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO	
TERRITÓRIO QUILOMBOLA MUMBUCA	
Equipe de Levantamento GPS Paulo Rogério Gonçalves Paulo Rogério Gonçalves	Equipe de Pesquisa: Paulo Rogério Gonçalves (APATO) Regiane Cleide Medeiros de Almeida (UFT)
Cartografia: Pedro Igor Galvão Gomes	Ana Claudia Mafas da Silva Cristiane Fátima Ribeiro de Sousa (COEQUO)

Elaboração cartográfica:
Alternativa para a pequena agricultura
no Tocantins - APA-TO



NOTA TÉCNICA
Base de Dados: SEPLAN, 2012
Trabalho de campo com coleta de pontos com GPS pela
Comunidade Quilombola Mumbuca
Projeção: UTM/Datum: Sirgas 2000
Outubro de 2016





Vida no território

Ah aí a minha avó Laurina, você sabe que a família de tradição, quando começa uma batalha enfrenta a batalha, batalha do custo de vida. Então a minha avó Laurina ela, a mãe da minha mãe Dona Miúda. Ela trouxe a fonte de benção esse capim dourado, através dela, que fez a tradição. Foi a comunidade de Mumbuca a primeira comunidade que fez o artesanato do capim dourado e recebeu essa herança, o presente do Cerrado. Diz a minha mãe que ela saiu pelo Cerrado na vereda, saiu para pegar buriti e de certo que nem pegou buriti mesmo, encontrou esse capim de brilho, nessa viagem que estava pegando buriti e trouxe o balaio cheio de capim dourado, o capim brilhou nos olhos dela. Aí ela fez um chapéu, ensinou a filha, aí a minha mãe aprendeu e segurou a bandeira dessa linda herança! Aí a minha mãe morreu e deixou essa herança para todos nós da família, que também está no Tocantins inteiro. Quando a minha avó fazia o capim dourado, o veículo nessa época da minha avó era o jumentinho, fazia as peças: chapéu, caixa redonda e tingia a seda de buriti com o pau do Cerrado, colocava no capim ficava muito lindo demais. Então ela fazia essas peças e meu avô fazia o «pagarar» de taboca e botava as peças para viajar, vendia e trocava na cidade de Formosa, Corrente e assim tocou a vida.

Noeme Ribeiro da Silva, Doutora.



Artesanato de capim dourado

Conflitos com unidade de conservação

Sobre o Parque, a gente, nós lutou junto, tá entendendo, nós lutou junto contra o governo, a criação foi no ano de dois mil e um e em dois mil nós criamos a associação. Juntos, uma associação só. Pegava Mumbuca e Boa Esperança até o capão do Mudesto, que ficou dentro do parque, são essas comunidades. Existe mais outras comunidades como o Carrapato, junto debater junto mesmo quem começou foi essas duas, Mumbuca e Boa Esperança”.

José Ribeiro da Silva, “Paizinho”.



Artesanato de capim dourado



Edivan, Comunidade Mumbuca



Elaboração de mapa na comunidade Mumbuca



Seu Oliveira, Comunidade Quilombola Povoado do Prata

COMUNIDADE POVOADO DO PRATA

História da Comunidade do Prata

Só sei que a mamãe é baiana e o meu pai é piauiense, o nome da minha mãe é Águida Ribeiro de Sousa e o meu pai Inocêncio Francisco de Sousa, eles vieram vaquejar na fazenda, o dono da fazenda chamava-se Lino, ele era irmão do pai do meu pai e eles vieram vaquejar para esse tio. A primeira pessoa que nasceu aqui foi eu, desde quando eles vieram, eles já vieram casado já, tendo um bocado de filho e a primeira que nasceu aqui foi eu, em mil novecentos e trinta e três. Eles vieram do Pequi, eles morava no Pequi, eles vieram para cá em trinta e dois, eles vieram para aqui, para o Prata e em trinta e três eu nasci. Inocêncio eu não sei, ele morava por esse rumo de São Felix, Marcelino ele era o que criava a minha mãe, que trouxe ela da Bahia, morava em São Felix. O Lino era o dono da fazenda e era tio do meu pai, Marcelino e Lino vieram os dois para cá e eram irmãos. O primeiro que chegou aqui foi o Lino que é meu tio junto com a avó do Piau, Luiza. Luiza era casada com João Ribeiro, João Riberio era irmão de Salustiano, eles eram parentes eu não sei qual era o grau”.

Aureliana Rodrigues de Sousa, Mãe Preta.

Isso aqui tem muitos anos, só que eu moro aqui tem mais de cinquenta e tantos anos, essas plantas, essas mangueiras aqui, isso aqui foi tudo eu que plantei, nasci ali em baixo onde “doutor” mora. De lá vim para aqui, casei e vim para aqui. Quando o meu pai chegou aqui já tinha um tio dele, ele veio vaquejar e aqui ficou, produziu um monte de gente e deixou aqui mesmo. Meu pai veio para cá em trinta e dois, ele contava mais não é para meu tempo não, eu não era gente não, o meu pai veio bem ali da cidade nascido em São Felix. Meus avós que vieram daqui do Piauí desse mundão. De uma tal de Jerumeno, era Jerumeno do Piauí”.

Oliveiro Rodrigues de Sousa



Mãe Preta, Comunidade Povoado do Prata

Eles vieram naquele tempo, mudava gente demais, daí desse mundão, procurando moradia, fazer roça para poder morar, eles chegaram primeiro em São Felix. Aí meu pai veio para cá, criou doze filhos aqui no Prata, quando ele chegou no Prata tinha uma tia dele, tia do meu pai, era Luiza. Aí foi chegando mais gente os que moraram

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO

Os Territórios Quilombolas e os conflitos com as Unidades de Conservação

um tempo saiu foi embora e nós ficamos, nós já era daqui mesmo. E quem vem de fora não acostuma com o lugar, aí quem já é acostumado fica aqui mesmo”.

Oliveiro Rodrigues de Sousa.



Seu Lió, e Dona Maria do Carmo, comunidade Povoadado do Prata



Seu Dotô, e Dona Maria Francisca, Comunidade Povoadado do Prata

Vida no Território

|| A roça era plantada mesmo de inchada, derrubava de machado, de facão brocava, depois de derrubada queimava tudo na inchada, não tinha os maquinários como hoje, não tinha era tudo na inchada mesmo. A vida era trabalhar de roça e sai para vender as coisas que produzia no Maranhão, no Piauí e nesse mundo, que de quando eu tomei entendimento era desse jeito. Lizarda era aonde a gente ia vender e ia comprar, comprava o sal, trazia nas costas de jumento, trazia da Formosa do Rio Preto de Dianópolis. Era assim, era uma vida sofrida, era assim. (...) O gado era criado aí no campo mesmo era tudo junto, cada quem ia pegava o seu e levava para casa. O capim dourado se não queimar ele acaba. O capim tem que queimar, se não queimar por exemplo, passar esse ano e não queimar, no outro ano não tem capim, tem que queimar e a agente queima de dois em dois anos o capim dourado”.

Oliveiro Rodrigues de Sousa.

|| Veio do Estado do Piauí, Maria Luiza Sousa, irmã de Marcelino é que vieram do Estado do Piauí da Cidade Chamada Zeroméia e eles, Marcelino, ficou na sede do Município que é hoje São Felix e a Luiza foi para a comunidade do Prata e casou-se com João Ribeiro que veio do Estado do Maranhão. Quem ficou lá foi o Marcelino. e a Luiza era só essa única irmã que eles tinham. Ela veio para o Prata e eles ficaram lá, depois o seu pai veio e criou uma fazenda aqui na comunidade para colocar seu gado, aí trouxe o seu sobrinho, para cuidar da fazenda e já era casado com Águida que veio do Estado da Bahia, já tinham cinco filhos quando mudou para a comunidade, já Luiza Morava aqui”.

Lení Francisca de Sousa.



Seu Zezé e Dona Terezinha, Comunidade Povoadado do Prata



Dona Terezinha, Comunidade Povoado do Prata

ca, trazia no carro de boi, na carga de animal e trazia de lá para cá essa farinha. Fazia os fornos de barro, por que não tinha esses fornos de flandê, ainda era tudo de barro e torrava as massas lá e trazia a farinha, fazia muito para criar esse povão, arroz feijão, lá nessas garapinha, lá na roça do meu cunhado José, era mesmo lá na garapinha, e a nossa era mais para cá no outro corregozinho mas era perto, próximo do rio e a do meu cunhado era lá mesmo, na garapinha e lá em cima do Come Cozido, nós fazia roça”.

Maria Francisca de Sousa.

Ele é utilizado da forma da agricultura familiar. As pessoas trabalham manualmente, eles usam a rocinha de toco para plantar as plantações: arroz, feijão, batata, maxixe, as hortaliças. Então é utilizado mesmo da forma que não degrada o meio ambiente, até por que tem mais de duzentos anos que a comunidade existe e a natureza tá ai, a preservação tá aí, por que as pessoas se preocupam em preservar o meio ambiente para as futuras gerações”.

Lení Francisca de Sousa.



Seu Dotô, Seu Oliveiro e Lení, Comunidade Povoado do Prata



Produção de artesanato de capim dourado

Conflitos com unidade de conservação

Eu vim em fevereiro de mil novecentos e sessenta e sete, lá do Município de Mateiros, eu sou ali da região de Mumbuca. Quando eu casei meu pai ainda morava lá, mais mudou. Aí eu vim para cá casada, com gente daqui. Era desse mesmo jeito as pessoas, tinha o quintal aqui. E as pessoas derrubava as roças lá nessas cabeceiras para plantar o arroz, meu marido ainda derrubou muita roça lá para plantar mandioca. Meu cunhado que era o marido da Adelina ali, derrubava roça, plantava arroz e plantava mandioca, aqui os terrenos era pouco para tá produzindo, nós tinha os quintal aqui, plantava lá que produzia mais, plantava arroz plantava mandio-

Hum, quando saiu já foi a história do parque, aí eles vieram fazer um marco na beira do rio aí, dizendo que era esse parque da federal nacional. Ah para tirar uma madeira é obrigado se comunicar com eles, lá na cidade de Corrente na Bahia. A questão do gado ele não proíbe, a gente criar o gado nosso, a gente cria o gado solto. Mais tirar madeira não é coisa nem de pensar, um andou aqui eu falei para ele, que eu ia tirar a madeira para fazer o curral, ele falou para mim assim que não, basta me comunicar, basta ligar que dia vai tirar, pode tirar, agora para comerciar eles não deixam não. Eles não vieram aqui comunicar com nós não, já vieram com ele criado. A primeira vez que eles vieram aqui, eles arrancharam bem aqui debaixo desse pé de manga, foi desse tempo a diante. Só falaram que o Parque estava bem aqui mesmo. Que até na época que aconteceu o movimento do território quilombola nós falamos, falei que tinha esse parque aqui. A mulher falou para nós que não, que quanto ao parque, era mais fácil desligar para tirar o território nosso. Eles perguntaram se tem fazendeiro, eu ainda não conheço, pode ter, essas terras aqui tudo disse que tem dono, mais não

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO

Os Territórios Quilombolas e os conflitos com as Unidades de Conservação

tem propriedade de fazendeiro, principalmente aqui por onde é a área do parque. Não tem propriedade de fazendeiro, só as firmas para lá mesmo lá na divisa do Tocantins com Bahia e Piauí. Não consultaram, naquela época que eles fizeram isso, eles não consultou nada com ninguém, e ele pega aí desce ali, essas cabeceiras tudo, não tem ninguém morando lá não, a gente usa para botar o gado, tirar alguma madeira para fazer uma casa, e a roça, nós usava a roça antes de surgir o parque, depois daí ninguém botou mais roça, mais não. Em uma hora eles acham alguém derrubando uma roça, quando da fé que não a multa chega e ele é multado. A gente tira capim dourado, esse é o principal, que a gente tira daí também. Eles querem proibir queimadas”.

Oliveiro Rodrigues de Sousa.

O território, nós estamos dentro do território, do parque nacional, nós utiliza para fazer roça, roça de toco, criar o gadinho, para todo o nosso sustento, colheita do capim, nos vive da agricultura familiar”.

Osirene Francisca de Sousa.



Leni e Darlene, comunidade Povoadado do Prata

CARRAPATO, FORMIGA E AMBRÓSIO

História da Comunidade

Nasci aqui e o meu pai nasceu aqui. Ele morreu com a idade de sessenta anos. Em mil novecentos e um quem nasceu foi a velha Laurina, mãe da velha Miúda. Aí daí para cá essa geração nunca saiu dessa linhagem, desde muito tempo, há mais de 100 anos é ocupada essa região, morando diretamente aqui. Eu sou de trinta e três, nasci aqui em Carrapato, casei, tive minha família toda aqui. Sou viúvo há vinte e sete anos,

fiquei cuidando dos meus filhos, fiquei sem procurar uma dona com medo de não dar certo com eles. Tive oito filhos, não foram dez. A minha bisavó, era índia legítima, o nome dela era Jacinta é a índia a mãe da minha avó, o meu bisavô chamava José Delfino, e foi matado lá no pé da serra, tem tudo lá, o lugar que enterrou ele lá”.

Diniz Gonçalves Mendes.

Carrapato era o Carrapato, Formiga, Ambrósio e Mata. Os primeiros que vieram para cá, para essa região aqui, foi meu avô, Lasdilau, a minha avó chama Guardina e o meu bisavô é Emídio. Vieram para cá e formaram a comunidade, os pais de meu sogro e os filhos nasceram aqui. O meu pai ainda é vivo mais a minha mãe faleceu, ele tem oitenta e quatro anos”.

Diva Gonçalves.



Seu Diniz, Dona Diva e Carmina, pai, filha e neta

Vida no Território

Plantava mandioca, arroz, feijão, milho, fava, nós não saímos para vender, trocar nada, tudo era consumido aqui. Quando saía era pra vender um pouco de farinha ou trocar por sal, em Dianópolis, Formosa, comprar o sal, tirar o sal da grota. Quando não podia ir, tinha vez que comia sem sal, não tinha como sair, comia sem sal. A farinha vendia para comprar o sal, e para vestir, fiava o algodão, para fazer a roupa, sandália ninguém tinha, andava de pé no chão ninguém conhecia chinelo, sandália não. Não tinha condição de comprar. Escola não tinha de jeito nenhum, ninguém estudou. Eu hoje não sei, no meu tempo, não tinha escola. As mulheres tinham os filhos aqui mesmo, tinha a parteira, a parteira ali era minha mãe, minha tia, a velha Bertulin. Elas pegaram muitas crianças, elas eram parteiras, primeiro Deus, depois elas, que

eram parteiras das crianças. Tantos os homens como as mulheres faziam roça, eu mesmo, quando o meu marido faleceu, deixou eu com quatro filhos. Criei meus filhos tudo da roça, trabalhando, roçando derrubando roça, plantando, a situação era essa. Hoje melhorou bastante as coisas. Hoje já tem energia nas casas, a situação nossa para trás foi muito difícil, agora graças a Deus melhorou mais. Eu tenho roça, faço meu artesanato do capim dourado, faço o pote, outras peças. A colheita é no dia vinte de setembro que vai arrancar o capim, antes disso não pode arrancar só no dia vinte de setembro”.

Diva Gonçalves.



Elaboração de mapas na comunidade Carrapato, Formiga e Ambrósio



Oficina na comunidade Carrapato, Formiga e Ambrósio

Impacto e conflito do Parque

As roças são “roça de toco”, “roça de esgoto” na beira do brejo, derrubava roça de brejo, só que hoje, nós estamos sofrendo, não temos a licença para fazer o que nós quer. Aí baixa as águas, aí o fogo vem queimar as mata tudo. O que acontece, joga a culpa em cima de nós. Não podemos mais derrubar a “roça de toco”, não podemos fazer nada, eles estão botando pressão em nós. Nós estamos aqui e conservamos desde os tempos dos nossos pais e nossos avós e bisavós. Nós precisa, os filhos precisa, os netos precisam. Aí jogam a culpa tudo em nós. Aqui nunca queimou uma mata de brejo desde dos tempos dos nossos avós para cá. Mais depois que criaram esses projetos nas cabeceiras aí acabou com a água, o fogo vem queima tudo. Tem a central, tem muitos projetos aí, não é o parque não, são projetos de lavouras, ele fura e usa muita água, muitos hectares de lavouras dos fazendeiros. Desmatam e aí abre o poço artesiano. Os córregos diminuem as águas. Os projetos do agronegócio planta eucalipto,

COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO JALAPÃO

Os Territórios Quilombolas e os conflitos com as Unidades de Conservação

soja, algodão, puxa muita água. Água tá acabando, puxa as águas das cabeceiras para o projetos, aí os rios secam. Nós não podemos fazer as nossas queimadinhos para botar os nossos gadinhos. De primeiro quando tinha água, quando o fogo vinha apagava e não entrava na mata, agora entra e queima tudo, não tem água e ainda passa cinco, seis anos sem queimar, aí quando o fogo vem acaba com tudo”.

Diniz Gonçalves Mendes.

Depois do parque ficou difícil para derrubar roça, ficou muito difícil para derrubar roça, para arrancar a colheita do capim, tem vez que a gente vai arrancar, o povo já arrancaram. Tá muito difícil para nós. A roça para nós derrubar é difícil, está difícil nós derrubar a roça, por causa do parque, o IBAMA proíbe a gente derrubar e como que faz, a vontade do povo é ter as coisinhas da roça. Já falamos com eles, reunimos para falar com ele, como falamos com eles que não pode como é que nós vamos sobreviver. O abastecimento nosso é da roça se nós não derrubar a roça, vamos viver de que?”

Diva Gonçalves.

O que eu tenho a dizer para os homens da lei é que nós estamos sofrendo, sem poder fazer nada, não temos permissão de nada, não temos escola para o povo se formar, a nossa sobrevivência é da roça, somos nascidos e criados mexendo com as coisas da roça”.

Diniz Gonçalves Mendes.



Curral tradicional

